

## Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 (II)

Além dos corticeiros, cabe salientar o sector dos marítimos. Englobava não só os pescadores das armações (entre 1914 e 1918 existiam cinco armações em Sines (1)), sendo que em 1911 ocupava entre 160 e 180 trabalhadores (2), mas também os pescadores por conta própria, os carregadores, os descarregadores e a tripulação das embarcações. Este número manteve-se entre 1914 e 1918 (3). Uma das armações mais antigas, a “Nossa Senhora das Salas”, existia desde 1899 (4) e empregava trinta e três operários, no período entre 1922 e 1950.

O desenvolvimento destas formas de pesca, em escala elevada, favorecia o desenvolvimento de fábricas de conserva. Um terceiro sector de actividade industrial em Sines era portanto, o das conservas de peixe (5). A indústria conserveira instalara-se na vila a partir de finais de século XIX, com a fábrica de conservas de sardinha à Senhora das Salas, a de Pierre Biziers em 1904 e a Mercantil da Índia, em 1906. Apesar disso só duas fábricas se encontravam em laboração em 1911, com cerca de 70 trabalhadores.

Em Janeiro de 1919 existiam três, a Sociéte La Bretagne, a Lidadora e a Daniel e Raimond (6), as quais laboravam com folhas de flandres e estanho. Esta última era a antiga Canha & Formigal. Recebeu alvará em 1916 (7), situava-se na Praia Grande e salgava e enlatava sardinha. No mesmo ano foi concedido mais um alvará, um a Eugénio Boulain (8), para salga e preparação de peixe, e, em 1918, a Bento António dos Santos, para o mesmo fim. Apesar disso, nenhuma destas duas fábricas estava em funcionamento em 1919.

A fábrica J. A. Júdice Fialho, de peixe e conservas, fazia parte das maiores empresas no Alentejo, em 1925, com 128 trabalhadores (9).

Entre 1922 e 1950 a Nova Sociedade de Conservas Alimentícias “La Bretagne”, fundada em 1925, tinha, vinte e cinco trabalhadores (10) e encontrava-se entre os estabelecimentos industriais alentejanos de dimensão intermédia.

Na mesma situação encontramos a Silves, Guerreiro, Vilhena & Companhia (1906-1965), também fabricante de conservas, com número igual de trabalhadores (11).

Além das indústrias já referidas, que se podem considerar de média dimensão, existem outros pequenos pontos de exploração ainda artesanal. Entre eles contam-se os moinhos de vento, que povoavam a paisagem do concelho até há bem tempo. Entre 1922 e 1950 foram registados entre 11 e 15 moinhos de vento (12). No mesmo período poderíamos encontrar entre dez e quinze moinhos de azenhas em Sines (13), nomeadamente na Ribeira dos Moinhos e na Ribeira da Junqueira. A família Pidwell (14), este caso em concreto Albert Pidwell, concentrava a posse de moinhos de azenha com as fábricas de moagem. No período já referido, existiam entre três e quatro fábricas de moagem em Sines (15).

Outro membro da família Pidwell, desta feita Frank Edward, era exportador de vinhos e aguardentes, sendo estas últimas de fabrico próprio (16).

As oficinas de sapateiro e de carpintaria, bem com os fornos de cal, entre 1922 e 1950, não excederam as quinze e as quatro, respectivamente (17). Os mesmos quantitativos (entre três e quatro oficinas), podemos também as oficinas de abegão (18). Por fim, foram ainda recenseadas duas oficinas de reparação mecânica e de automóveis (19), e ainda uma casa de fotografia em 1931 (20).

A existência, em Sines, de estabelecimentos industriais de média dimensão, está relacionada com a transformação de cortiça e a indústria conserveira nacionais, os quais aproveitavam as dinâmicas económicas criadas então pelo porto de Sines e a sua boa condição geográfica em relação com o Vale do Sado e o Baixo Alentejo. Neste contexto podemos explicar a necessidade sentida pelas elites de Sines na chegada do caminho-de-ferro e nas melhorias no

porto de pesca. Apesar disso, a vila continuava a manter o seu aspecto de ancestralidade, com as suas actividades artesanais e as suas práticas vindas do fundo dos tempos.

Sandra Patrício

#### NOTAS

- (1) Anuário Comercial de Portugal, op. Cit, anos 1914-1918.
- (2) João Madeira, " Os corticeiros e o sindicalismo..." , p. 43.
- (3) Anuário Comercial de Portugal, op. Cit, anos 1914-1918.
- (4) Guimarães, Paulo, op cit. , p. 195.
- (5) Para as informações acerca deste sector até 1914 baseámo-nos na obra já citada de João Madeira "Os corticeiros e o sindicalismo em Sines..." , pp. 43-44.
- (6) Copiadores da correspondência do Administrador do Concelho de Sines para o Governador Civil de Lisboa, ofício nº. 7 de 13 de Janeiro de 1919, B/3C 6, AHMS.
- (7) Autos de Concessão de Alvarás de Estabelecimentos, 9 de Novembro de 1916, A/2G 2.
- (8) Autos de Concessão de Alvarás de Estabelecimentos, 5 de Dezembro de 1916 e 9 de Abril de 1918, A/2G 2 e A/2G3.
- (9) Guimarães, Paulo, op cit, p.152.
- (10) Guimarães, Paulo, op. Cit., 206.
- (11) Idem, ibidem,
- (12) Guimarães, Paulo, op. Cit, p.226.
- (13) Guimarães, Paulo, op. Cit, p.229.
- (14) Copiadores da correspondência do Administrador do Concelho de Sines para o Governador Civil de Lisboa, ofício nº. 139 de 1 de Novembro de 1918. CMSNS/AC7Correspondência Reccebida/1918.
- (15) Guimarães, Paulo, Op. Cit, p.230.
- (16) Guimarães, Paulo, op. Cit,p.256.
- (17) Guimarães, Paulo, op.cit. pp-280-286.
- (18) Guimarães, Paulo, op.cit,p.321.
- (19) Guimarães, Paulo, op.cit,p.323.
- (20) Guimarães, Paulo, op.cit,p.326.

A primeira parte deste texto foi publicada no Sineense #53 (Abril/Maio 2007)